



REFLEXÕES SOBRE A SUBJETIVIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL

Claudia Espíndola Cuzzuol

Departamento de Educação
Faculdade de Aracruz – UNIARACRUZ
claudia@fsjb.edu.br

RESUMO

Este artigo traz reflexões compartilhadas durante um processo de pesquisa a respeito da análise psicológica da ação cognitiva e afetiva apresentada na produção textual. Considera a produção verbal escrita com capacidade de (re)apresentar o mundo objetivo e subjetivo de cada indivíduo. Os sistemas de signos, em especial a linguagem humana – destacando aqui a expressão escrita como algo normatizado e mais elaborado – são os mediadores que explicam as relações entre os processos representacionais individuais e sociais.

Palavras-chave: Educação. Linguagem

ABSTRACT

This article presents the results of a research on a psychological analysis of the cognitive and affective aspects in textual production. It considers the written production as a representation of each individual's objective and subjective world. The sign systems, in special the human language – emphasizing here the writing as something ruled and more elaborated – are the mediators that explain the relations between the social and individual representative processes.

Keywords: Education. Language

RELAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA E LINGUAGEM

Podemos entender a linguagem como a capacidade que têm os seres humanos de usar qualquer sistema de sinais significativos, expressando seus pensamentos, sentimentos e experiências. O domínio da linguagem oral e escrita é imprescindível para o homem se comunicar no mundo em que vive. “A linguagem participa da construção tanto da objetividade quanto da subjetividade”(PAIN, 1999, p. 178). Entendemos a subjetividade humana como algo ao mesmo tempo ideal e material, social e individual e estruturada pelos signos.

A Psicanálise nos diz que o inconsciente compõe-se como uma linguagem. A linguagem seria a estrutura do discurso inconsciente, o universo verbal, e serve simultaneamente à organização operatória da objetividade e à função original subjetivante. A linguagem e o inconsciente têm a mesma estrutura porque os dois elaboram os níveis dramáticos, subjetivos da existência humana.

Não consideramos, pois, que o inconsciente seja constituído como uma linguagem, mas que é a linguagem que tem a estrutura do inconsciente, pois é nele que achamos um sentido para a atividade e um outro para passividade. Nos diferentes níveis de sua elaboração – fonética, gramatical, sintática ou retórica – achamos os mesmos mecanismos que regem a elaboração inconsciente, principalmente a substituição (sinônimos e metáforas), a repetição (redundância) e a condensação (utilização de prefixos, sufixos, desinências) (PAIN, 1999, p. 182).

Por isso, a linguagem tem ocupado lugar de destaque em várias abordagens teóricas da Psicologia, que analisam a personalidade do desenvolvimento dos processos mentais superiores. Refere-se a uma construção social que vem integrar-se ao sujeito, a partir de ações dele próprio, mediatizadas pelo outro, que estão presentes na estruturação de sua subjetividade. O uso da linguagem permite ao sujeito a expressão de seus desejos na representação de seus pensamentos, ao mesmo tempo na criação dos mesmos. A linguagem como representação evoca o objeto ausente e expressa objetivamente o mundo subjetivo daquele que fala e/ou escreve.

O homem é o único animal capaz de criar símbolos, isto é, signos arbitrários em relação ao objeto que representa e, por isso mesmo, convencionais, ou seja, dependentes de aceitação social. Entendemos signo como aquilo que é uma coisa

que está em lugar de outra, sob algum aspecto. Toda linguagem é um sistema de signos. Somente o ser humano é capaz de estabelecer signos arbitrários, regidos por convenções sociais. A linguagem é, assim, um dos principais instrumentos na formação do mundo psicológico, pois é ela que nos permite transcender a nossa experiência. O nome, ou a palavra, retém na nossa memória, como idéia, aquilo que já não está ao alcance dos nossos sentidos: o toque de alguém, o cheiro do mar, as cores, os sons, etc. Uma palavra representa, isto é, torna presente à nossa consciência o objeto a que ela se refere. Pela linguagem o homem deixa de reagir somente ao presente, ao imediato, passa a poder pensar o passado e o futuro e, com isso, constrói sua temporalidade (seu projeto de vida).

A fala humana é, de longe, o comportamento de uso de signos mais importantes ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Por meio da fala, a criança supera as limitações imediatas de seu ambiente. Ela se prepara para a atividade futura, planeja, ordena e controla o próprio comportamento e o dos outros. É também um exemplo excelente do uso de signos, já que, uma vez internalizada, torna-se uma parte profunda e constante dos processos mentais superiores. A fala atua na organização, unificação e integração da criança, tais como: percepção, memória e solução de problemas.

No transcorrer de seu desenvolvimento, a criança internaliza a linguagem social, tornando-a pessoal e, depois, quando o pensamento torna-se verbal e a fala racional, surgirá a possibilidade da linguagem escrita.

O desenvolvimento da escrita não repete a história do desenvolvimento da fala. A escrita é uma função lingüística distinta, que difere da fala oral tanto na estrutura como no funcionamento. Seu mínimo desenvolvimento exige um alto nível de abstração. Ao aprender a escrever, a criança precisa se desligar do aspecto sensorial da fala e substituir palavras por imagens de palavras.

O signo escrito representa um segundo grau de representação simbólica. A dificuldade para tal é presente na criança. O primeiro obstáculo é a qualidade escrita-abstrata da escrita, e não o subdesenvolvimento de habilidades motoras e mecânicas. A escrita também é uma fala sem interlocutor, dirigida a uma pessoa ausente, ou a ninguém especial.

Os motivos para escrever diferem daqueles para falar, são mais abstratos, mais intelectualizados, mais distantes das necessidades imediatas. Na escrita, somos obrigados a criar a situação, ou a representá-la para nós mesmos. Isso exige um distanciamento da situação real. Nela o indivíduo tem que tomar conhecimento da estrutura sonora de cada palavra, dissecá-la e reproduzi-la em símbolos alfabéticos, que devem ser estudados e memorizados antes. Da mesma forma deliberada, tem que pôr as palavras em uma certa seqüência, para formar uma frase.

Diferentemente do ensino da linguagem falada, no qual a criança pode se desenvolver por si mesma, o ensino da linguagem escrita depende de um treinamento artificial. Ao invés de se fundamentar nas necessidades naturalmente desenvolvidas das crianças, e na sua própria atividade, a escrita é imposta de fora, vindo das mãos dos professores (VYGOTSKY, 1989, p. 119).

Todas essas peculiaridades na construção da linguagem escrita tornam mais difícil seu domínio e uso correto, ao contrário da linguagem oral que se constrói mais espontaneamente no desenvolvimento socioemocional dos indivíduos humanos.

A (RE)APRESENTAÇÃO COGNITIVA E AFETIVA DO MUNDO POR MEIO DA ESCRITA

A palavra está sempre plena de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BATKHIN,1997). A produção verbal escrita traz em seu bojo a capacidade *(re)apresentativa* do mundo objetivo e subjetivo de cada indivíduo construída conforme suas habilidades cognitivas e aspectos afetivos. Os sistemas de signos, especialmente a linguagem humana – destacando aqui a expressão escrita como algo normatizado e mais elaborado – são os mediadores que explicam as relações entre os processos representacionais individuais e sociais.

Podemos considerar, então, a escrita como a versão normatizada da fala, e a linguagem como o processo constitutivo dos indivíduos a partir dos aspectos essenciais da personalidade:

- cognitivo, que envolve as habilidades do conhecimento, que se revelam na memória e aprendizagem entre outros;
- afetivo, que se refere à área motivacional caracterizando a singularidade expressiva de cada indivíduo.

A *(re)apresentação* do mundo, na expressão escrita/forma textual, é um fenômeno social e não apenas individual. A palavra é basicamente, segundo Bakhtin (1997), dialógica e está tão determinada pelos aspectos cognitivo e afetivo de quem emite quanto por aquele para quem é emitida. Dessa feita, para entendermos essa *(re)apresentação* do mundo, devemos considerar sua inserção no contexto social donde vive o sujeito que escreve, além de seu universo de tensões e conflitos intra e interpessoais em que atua.

A partir da visão sócio-histórica de construção dos processos mentais superiores, da personalidade, compreende-se que a fala (oral/escrita) é o instrumento de contato e interação social. Com a necessidade de comunicação, a necessidade de re-apresentar seus pensamentos e sentimentos, chega-se à construção da fala.

A fala mais primitiva é sempre social.

Nos primeiros meses de vida, o balbúcio, o riso, o choro, as expressões faciais ou as primeiras palavras da criança cumprem não somente a função de alívio emocional (como por exemplo: manifestação de conforto ou incômodo) como também são meios de contato com os membros de seu grupo (REGO, 1998, p. 64).

Na medida em que cresce em interação com seu grupo social, o indivíduo vai se construindo afetiva e cognitivamente e aprende a *(re)apresentar* o mundo usando a linguagem como instrumento do pensamento e meio de comunicação. Esse aprendizado torna-se cada vez mais complexo e dialético. A princípio, é a fala utilizada para resolver problemas (fala interior), para daí, logo em seguida, aprender a usar a linguagem para planejar uma ação futura, possibilitando ao indivíduo ir além das experiências imediatas.

O aprendizado da linguagem escrita revela um novo e considerável salto no desenvolvimento integral da pessoa. Essa nova habilidade comunicativa promove e exige modos diferentes e ainda mais abstratos de pensar, de se relacionar com os outros, consigo mesmo e com o conhecimento. Sua complexidade está associada ao fato de a escrita ser um sistema de *(re)apresentação* da realidade extremamente sofisticado, que se constitui num conjunto de

[...] símbolos de segunda ordem, os símbolos escritos funcionam como designação dos símbolos verbais. A compreensão da linguagem escrita é efetuada, primeiramente, através da linguagem falada: no entanto gradualmente essa via é reduzida, abreviada, e a linguagem falada desaparece como elo intermediário (VYGOTSKY, 1989, p.131).

Podemos, modestamente, dizer que, nesta pesquisa, na qual se investiga a produção textual sob a ação cognitiva dos princípios epistemológicos de contigüidade e de analogia, partir de textos produzidos por alunos dos primeiros períodos no Ensino Superior suscita um dos questionamentos levantados por Vygotsky, que é a necessidade de investigações que procurem desvendar a gênese da escrita, o caminho que a criança percorre para aprender a ler e a escrever. Vimos buscar a influência do professor como mediador nesse processo de internalização do mundo e sua posterior *(re)apresentação* carregada dos traços pessoais cognitivos e afetivos do autor, por meio da escrita.

A partir dos textos analisados, na pesquisa, pudemos perceber a intenção afetiva dos diferentes autores (alunos) e suas dificuldades de ordem cognitiva na tentativa de *(re)apresentar* simbólica e textualmente a parte da realidade por ele vivenciada, mediante o estímulo iconográfico apresentado – a reprodução da pintura renascentista de Pieter Brueghel – O velho – “A queda de Ícaro”.

É notável a dificuldade de expressar o olhar do outro (analogia), já que ele ainda não consegue ou ainda faz com dificuldade a expressão de seu próprio olhar diante da realidade (contigüidade), assim como expressar seus próprios desejos e motivações. Percebe-se, portanto, uma influência do momento afetivo e motivacional e do estágio de desenvolvimento cognitivo do sujeito na qualidade de seu desempenho, no que tange à produção textual por aqui pesquisada.

A partir da pesquisa realizada sobre produção textual, podemos dizer que os sujeitos testados foram acostumados a escrever apenas para serem avaliados e não pelo prazer da escrita. Os testados não supõem que seu texto possa interessar, pelo conteúdo, a um leitor cujo foco não seja uma avaliação quantitativa para aprovação. Isso inclui a ausência de títulos, parágrafos e profundidade de expressão mediante um estímulo iconográfico tão rico como o que foi apresentado.

É significativa a relação entre a qualidade da produção textual e a capacidade de raciocínio lógico-abstrato obtido dos testados, nos testes psicológicos aplicados, muito mais do que a capacidade de raciocínio verbal-lingüístico.

Com efeito, a linguagem, cuja função primária é a comunicação, e que se adquire no intercâmbio social, está estreitamente unida ao desenvolvimento da capacidade de

abstração, conceitualização e generalização que caracteriza a atividade pensante, a base essencial para a construção da escrita.

A teoria genético-cognitiva de Piaget também nos mostra a importante relação entre pensamento e linguagem, quando afirma que a linguagem é indispensável para a produção do pensamento. Pensamos com palavras, e as palavras se adquirem no intercâmbio social. O acervo lingüístico somente se incorpora e amplia se houver na comunicação: o escutando e lendo, falando e escrevendo para outros.

Aqueles que demonstram dificuldade de falar a partir do olhar do outro, segundo a teoria piagetiana, encontra-se, assim como o jovem indivíduo, em um estágio pré-operacional em que impera o pensamento egocêntrico, o critério de pura lógica intuitiva no julgamento dos eventos, a partir apenas de seu próprio ponto de vista. A eles falta uma apreciação completa de como o mundo pode ser visto, organizado e *(re)apresentado* além de sua vivência pessoal.

Segundo abordagem histórico-social de formação da personalidade, pode-se afirmar que os seres humanos interatuam, em uma formação histórica cultural dada, criada pela própria atividade de produção e transformação da realidade. As atividades humanas, que permitem o desenvolvimento dos processos psíquicos – afetivos e cognitivos – e a apropriação da cultura, é sempre social, implica a relação com outros seres humanos, a comunicação entre eles. Essa é, pois, a natureza social do psiquismo que naturalmente se refletirá na capacidade de *(re)apresentação* verbal do sujeito da realidade que vivencia.

Podemos compreender, então, que o aprendizado, qualquer que seja inclusive o da escrita, é uma atividade social e não somente um processo de realização individual. Portanto as forças motivacionais envolvidas nesse aprendizado, desde a educação básica, irão determinar, de alguma maneira, a habilidade e capacidade de produção textual do indivíduo em sua vida posterior.

A aquisição de conhecimentos e a apropriação da cultura que tem lugar a partir das interações que se produzem na escola, nas aulas, dos tipos de atividades que nelas se desenvolvem, são o centro de determinado contexto social, histórico, institucional, que condiciona os valores e ideais da educação – aprender a fazer, a ser, a conhecer e a conviver – e, conseqüentemente, seus resultados práticos na vida dos alunos.

Segundo Vygotsky (1989), os sistemas de signos, especialmente a linguagem humana, são os mediadores que explicam a relação genética entre os processos individuais e sociais. O processo de interiorização do mundo, que permite que os fenômenos e objetos externos se transformem em imagens e conteúdos psíquicos, está mediatizado pela linguagem. Os signos, primeiramente os orais e posteriormente os escritos, são instrumentos que mediatizam as relações pessoais.

A fala e o pensamento verbal, produto do desenvolvimento histórico do ser humano, têm um papel central na estruturação cognitiva e afetiva do psiquismo. A compreensão do papel da interação social, da comunicação no desenvolvimento da consciência humana e da capacidade de *(re)apresentação* cognitiva e afetiva do mundo tem uma importância transcendental para a instrumentalização adequada do processo docente como processo social, dialógico, de interação entre docente e discente.

A educação supõe, pois, a elaboração conjunta de significados e sentidos. Ao interiorizarem-se, os signos se convertem em instrumentos subjetivos, que autodirigem e regulam a conduta, as emoções e o pensamento.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail .(V.N.Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

PAIN, Sara. **A função da ignorância**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

REGO, Teresa Cristina. **Vygostky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

VYGOSTKY, Lev. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WADSWORTH, Barry **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 2. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1997.